

aí afloradas, como as de uma necessária desconstrução de algumas teologias mal construídas, do afundamento do sujeito todo-poderoso e da verdade como acontecimento discreto. A categoria do murmúrio é explorada como pertinente no interior «de uma prática gramatical da diversidade»: do grito da vítima ao «murmúrio» de Deus. Mas há também que estar atento à «gramática da gratuidade» como capaz de tocar o limiar da Transcendência. O despertar da subjectividade extrema pode assim constituir-se como uma «fides quaerens gratuitatem».

O livro comporta ainda um Epílogo, em que o autor traz à colação coisas como o ruído da violência, o grito dos inocentes, a imaginação escatológica, a importância de recuperar para a teologia pós-moderna a linguagem apocalíptica e a redescoberta da *fides*. Um anexo dá conta de uma conversa entre o autor e René Girard, em Novembro de 2007. Com abundante bibliografia a completar o volume.

JORGE COUTINHO

LAFONT, Ghislain, **Que nous est-il permis d'espérer ?**, coll. « La nuit surveillée », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2011, 330 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-08989-0.

Como é sabido, o título deste livro é tomado de Kant. O autor deixa de lado as outras duas preocupações fundamentais expressas por este filósofo (que posso saber? que devo fazer?) e centra-se na terceira. O tema (e problema) aqui largamente reflectido é pois o da (possível e fundamental) esperança humana, agora mais pertinente e agudo por causa da crise, grave e polifacetada, em que o mundo se encontra mergulhado.

Procurando abrir brechas de sentido e de objectivo para a esperança humana, Ghislain Lafont deu-se ao trabalho de remexer a história da filosofia e do seu diálogo e suas interferências com o cristianismo e vice-versa, desde Platão a filosofias várias dos tempos modernos, passando pelo aristotelismo assumido na Idade Média designadamente por Tomás de Aquino. Desde esperanças idealistas, voltadas para a Transcendência, passando por outras que se centram na imanência do mundo terrestre, até àquelas que, no tempo presente, se deixam prender pelo fascínio do que se convencionou chamar de «virtual», o autor-pensador desperta a nossa consciência para a alternativa do Tudo ou do Nada, hoje a inclinar-se tragicamente para a segunda destas hipóteses, com a inerente catástrofe ética, humana e cósmica.

Entre um idealismo puro, que despreza a realidade material, e o realismo materialista que nesta se concentra todo, num tempo em que Aristóteles e Tomás de Aquino estão francamente *démodés*, Ghislain Lafont ousa revisitar o pensamento de um e de outro, com o diálogo que o segundo estabeleceu sobretudo entre o primeiro e o cristianismo, para realçar de novo a ideia de um homem (e um mundo) onde a matéria não é só matéria nem o espírito é espírito puro, mas realidade compenetrada de uma e outro, servindo esta condição de um homem visto como matéria impregnada de espírito para lhe devolver a dignidade e o sentido perdidos, evitando o sentido trágico de um total niilismo com a abertura e aproximação do homem ao divino, permitindo assim uma antropologia que segue a via de um verdadeiro humanismo. Com isso são devolvidos ao mesmo homem um sentido último e razões para esperar alcançá-lo, isto é, uma verdadeira esperança.

Uma tal esperança não é alienante, além do mais porque, na antropologia de inspiração cristã, o ser humano não é desvinculado dos seus irmãos em humanidade, antes pelo contrário. O humanismo cristão tem assim incidências e consequências sociais e políticas.

Para sustentar a linha de fundo do seu discurso o autor percorre a longa história do pensamento filosófico e religioso, desde o século VI a.C. aos tempos pós-modernos, buscando em múltiplos autores, correntes e posições de pensamento, subsídios para uma visão acertada do sentido da vida humana e razões para a esperança. Detém-se amplamente em Platão e na sua herança mais ou menos metamorfoseada nos neoplatonismos cultores daquilo que o autor designa por «monismo modulado» (tudo é redutível ao Uno, mas cada estrato de ser com a sua modalidade própria). Analisa-o nos tempos medievais e nos modernos, especialmente com Espinoza e Teilhard de Chardin. O capítulo sobre «Aristóteles no Bairro Latino» serve-lhe para realçar as aportações de Tomás de Aquino, com a sua exploração da doutrina da criação e da relação entre criação e relação, criação e começo, criação e finalidade, bem como criação e Redenção. O quarto e último capítulo procura conduzir a uma síntese final, a servir para o homem deste tempo. Começa com duas questões de fundo: «Fim da civilização ocidental?» «Fim do período constantiniano?» Para lhes responder, recorda o que K. Jaspers designara como «período axial» (séc. VI a. C.) – em que convergiram pensadores gregos, profetas bíblicos e sábios orientais na proclamação da busca da verdade como programa fundamental do ser humano –, desenvolve depois uma filosofia da palavra, em sua ligação com o pensamento e com a relação a outrem e faz a sua releitura da narrativa cristã.

No fundo, todo o discurso de Ghislain Lafont é uma releitura da história do pensamento filosófico e teológico na mira de nele detectar as tentativas, os encontros e os desvios, na grande tarefa de procurar uma resposta para a questão a formular ou já formulada por Kant: «Que podemos nós esperar?». Com particular interesse para a antropologia e a escatologia.

JORGE COUTINHO

DUQUE, João Manuel, **Fronteiras. Leituras filosófico-teológicas**, Universidade Católica Editora – Porto, Porto, 2011, 288 p., 210 x 145, ISBN 978-989-8366-09-2.

O autor desta coletânea de ensaios é hoje, apesar de relativamente jovem, assaz conhecido no meio português e mesmo, cada vez mais, no plano internacional. Teólogo daquela área de fronteira que se denomina Teologia Fundamental, apelidou essa coletânea justamente de «Fronteiras». Não sem a sua justificação, no plural. É que, assim como não há uma teologia e uma filosofia intemporais, assim não há uma demarcação única, «essencial», que marque de uma vez por todas essa relação dinâmica que distingue e aproxima aqueles dois saberes, ora mais distinguindo (até à oposição) ora mais aproximando (seja no excesso da identificação seja em variadas formas de positiva relação: complementaridade, subordinação, etc.). A razão humana concreta é a que se realiza na história, em pensadores e em posições concretos, sendo por isso mesmo uma razão plural. Esta pluralidade do concreto tem, de resto, no caso uma compreensão ela mesma bem concreta: trata-se de um conjunto de intervenções em congressos, colóquios e iniciativas do género, ou simplesmente